

FACULDADE ÁGORA - FAG
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

BÁRBARA HORN LONGA

O DIAGNÓSTICO PRECOCE E A PSICOTERAPIA NO AUTISMO

Campo Novo do Parecis-MT

2023

FACULDADE ÁGORA - FAG
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

BÁRBARA HORN LONGA

O DIAGNÓSTICO PRECOCE E A PSICOTERAPIA NO AUTISMO

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Ágora - FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Cristiano Furtado Scarpazza.

Campo Novo do Parecis -MT
2023

**FACULDADE ÁGORA – FAG
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

Linha de Pesquisa:

LONGA, BÁRBARA HORN. **O DIAGNÓSTICO PRECOCE E A PSICOTERAPIA NO AUTISMO**. Artigo Científico (Trabalho de Conclusão). Faculdade Ágora - FAG. Campo Novo dos Parecis – MT, 2023.

Data de defesa: 21/11/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof. Me. Cristiano Furtado Scarpazza
FAG

Membro Titular: Prof. Esp. Dalila Mateus Gonçalves

Membro Titular: Prof. Me. Jaqueline Aparecida Gonçalves de Soares
FAG

Local:
Faculdade Ágora – FAG
Campo Novo dos Parecis - MT

Clicksign 7b954242-04c7-4796-8fa5-777d575c2419

Datas e horários em GMT -03:00 Brasília
Log gerado em 27 de novembro de 2023. Versão v1.29.0.

DECLARAÇÃO DE AUTOR

Eu, (BÁRBARA HORN LONGA), portador da Cédula de Identidade – RG n* 2522164-7 SSP/MT, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob n*063.399.501-08, DECLARO E AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado (O - DIAGNÓSTICO PRECOCE E A PSICOTERAPIA NO AUTISMO), pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referência à fonte e ao autor.

Campo Novo dos Parecis – MT, 24 de novembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
 BARBARA HORN LONGA
Data: 24/11/2023 17:03:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Bárbara Horn Longa

O DIAGNÓSTICO PRECOCE E A PSICOTERAPIA NO AUTISMO

EARLY DIAGNOSIS AND PSYCHOTHERAPY IN AUTISM

Bárbara Horn Longa¹
Cristiano Furtado Scarpazza²

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e interação social, associado a padrões de comportamento restritivos e repetitivos, ocasionando prejuízos para o neurodesenvolvimento. Buscou-se realizar uma análise acerca do diagnóstico precoce e a psicoterapia no autismo, através de pesquisas bibliográficas, exploratórias, tendo como objetivo buscar através de sínteses, as evidências e os instrumentos disponíveis acerca do diagnóstico precoce, através do diálogo com estudos realizados nas obras de diversos autores que tratam sobre o TEA e a Análise Aplicada do Comportamento (ABA), o referido estudo contribuiu para a ampliação da discussão sobre o potencial da ABA no tratamento do TEA, e destacando a significativa importância do diagnóstico precoce.

Palavras-chave: Autismo; Análise do Comportamento (ABA); Diagnóstico Precoce.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by persistent deficits in social communication and social interaction, associated with restrictive and repetitive behavior patterns, causing damage to neurodevelopment. We sought to carry out an analysis of early diagnosis and psychotherapy in autism, through bibliographical, exploratory research, with the aim of searching, through syntheses, for the evidence and instruments available about early diagnosis, through dialogue with studies carried out in the works by several authors who deal with ASD and Applied Behavior Analysis (ABA), the aforementioned study contributed to expanding the discussion on the potential of ABA in the treatment of ASD, and highlighting the significant importance of early diagnosis.

Keywords: Autism; Behavior Analysis (ABA); Early Diagnosis.

¹ LONGA, Bárbara Horn. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Ágora - FAG. Campo Novo do Parecis-MT. Trabalho de Conclusão de Curso (2023). E-mail: barbara.almeida.acad@faculdadeagora.edu.br.

² SCARPAZZA, Cristiano Furtado: Professor na Faculdade Ágora - FAG, Graduado no curso de Psicologia da Faculdade de Quatro Marcos – FQM. Mestre em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade pela Universidade Luterana do Brasil-ULBRA. Pós-Graduado no curso Lato Sensu em Tutoria em Educação à Distância da Faculdade do Noroeste de Mato – AJES. Psicólogo, Especialista em Psicologia Jurídica, Especialista em Gestão em Saúde, Psicólogo Clínico da Secretaria Municipal de Saúde de Campo Novo do Parecis - MT. Orientador. E-mail: cristianoscarpazza@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Segundo Alves e Alves (2022), a palavra “autismo” epistemologicamente vem do grego “autós” que significa a “de si mesmo” ou “próprio”, sendo usada por Plouller em 1906, porém, sua primeira definição ocorreu no ano de 1943, quando o médico austríaco Leo Kanner, sistematizou com cautela a observação de um grupo de crianças com idades de 2 a 8 anos, denominando-o como “distúrbio autístico do contato afetivo”, desde então, compreende-se que o autismo é um distúrbio do desenvolvimento, de origem neurobiológica.

Almeida (2022), ressalta que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), é um livro editado periodicamente pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), tendo sua utilização pelos profissionais de saúde nos Estados Unidos (e em grande parte dos países do mundo) como um fator norteador principal para que se possa diagnosticar as condições neuropsiquiátricas. Desse modo, de acordo com Pinto e Constantinidis (2020), e Lana *et al* (2022), o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais (American Psychiatric Association, 2013), referido como DSM-V, classifica o transtorno de espectro autista (TEA) como um transtorno global do neurodesenvolvimento, manifestando-se de forma precoce e caracterizando-se por déficits persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos.

Conforme as diretrizes do DSM-5-TR (2023), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza pela presença de déficits persistentes na comunicação social e na interação social em uma variedade de contextos. Isso abrange déficits na reciprocidade social, no uso de comportamentos comunicativos não-verbais para fins de interação social, bem como nas habilidades necessárias para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além disso, o diagnóstico de TEA também requer a presença de padrões de comportamento restritos e repetitivos, juntamente com interesses ou atividades limitadas.

Brito *et al.* (2021) destacam a importância de reconhecer que o tratamento para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) deve ser altamente especializado e direcionado às áreas específicas afetadas. É fundamental levar em consideração as diversas manifestações clínicas que podem variar de paciente para paciente. das estratégias e técnicas advindas da ciência da Análise do Comportamento Aplicada (ABA – do inglês Applied Behavior Analysis), que trazem contribuições significativas para crianças com TEA.

Sousa *et al.* (2020), ainda afirmam que é possível avaliar, explicar e modificar alguns comportamentos apresentados por pessoas autistas, uma vez que se estrutura a partir da ideia

de que o comportamento é modelado pelo ambiente por meio das consequências. Diante do exposto, se o comportamento é seguido de uma consequência favorável (reforço), o mesmo tende a continuar e até mesmo aumentar sua frequência; porém, se o comportamento não é reforçado, ou se o tipo de reforço utilizado não é mais gratificante, esse mesmo comportamento apresentado, tende a diminuir de frequência e até extinguir-se.

Steffen *et al.* (2019), compreendem que atualmente existe uma maior importância acerca do estudo do Transtorno do Espectro Autista, devido ao aumento considerável no número de casos descritos nos últimos anos, principalmente dentro da área pediátrica. Isto se deve também, a uma maior atenção ao problema e ampliação dos critérios diagnósticos.

Doubrawa e Menezes (2023), ressaltam que o diagnóstico precoce do TEA aumenta de forma significativa o benefício das intervenções e terapias empregadas, devido à neuroplasticidade em indivíduos mais novos e os agravantes que uma identificação tardia pode acarretar.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica e exploratória, buscando através de sínteses, evidências acerca de diagnósticos precoces e tratamentos do autismo. Em um primeiro momento realizaram-se pesquisas através do título escolhido, selecionando artigos científicos, os quais nos auxiliaram e forneceram informações importantes. Nesse ensejo, para que a pesquisa fosse realizada, utilizou-se artigos que falavam sobre “o diagnóstico precoce”, “a importância da psicoterapia no autismo” e “Transtorno do Espectro Autista”. Sendo construída uma pesquisa com base teórica para a temática, realizando uma análise, e buscando uma maior compreensão sobre a importância da realização do diagnóstico precoce no autismo e desenvolvendo um maior conhecimento quanto a prática clínica do psicólogo no tratamento do TEA.

Diante do exposto, utilizou-se como critérios de inclusão, indexadas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Google Acadêmico, onde foram selecionados artigos, teses e revistas publicados entre 2018 e 2023, que abordavam sobre a temática do TEA, e a importância de se realizar um diagnóstico precoce com público infantil, inseridas em contextos como escolares e na clínica. Além disso, foram considerados apenas artigos publicados nos últimos 05 anos, disponíveis na íntegra com os idiomas em português e inglês, não estabelecendo um critério apenas regional.

Foram descartados os artigos não disponíveis na íntegra para download, assim como

também artigos que não ofereceram informação precisa sobre a metodologia empregada e/ou resultados obtidos, artigos incompletos e que não estavam disponíveis de forma gratuita na internet. Através da leitura destes, foram então selecionados 20 artigos e 01 Manual Diagnósticos de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) como referência para a pesquisa, buscando trabalhos que demonstrem a importância do diagnóstico precoce e a psicoterapia no autismo.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Segundo Almeida (2022), no DSM-I o autismo teve seu surgimento como um sintoma da “reação esquizofrênica tipo infantil”, ou seja, nessa mesma categoria são classificadas como reações psicóticas em crianças com manifestações autísticas. No DSM-II, essa mesma categoria segue classificada como “esquizofrenia do tipo infantil”, nos casos nos quais os sintomas da “esquizofrenia” surgem antes da puberdade.

Além disso, Almeida (2022), evidencia que o DSM III-TR buscou agregar uma definição de uma forma mais complexa sobre a desordem autística, no qual apresentou uma série de 16 critérios relacionados aos 3 domínios, dos quais, 8 são requeridos para classificar o paciente com a respectiva desordem.

Dessa maneira, Maia *et al.* (2019), relatam que em virtude da sua complexidade, atualmente o autismo está inserido no grupo de transtornos de espectro autista (TEA), podendo vir a ser identificado antes mesmo dos 3 anos de idade, estando presente em todo desenvolvimento da criança, podendo influenciar suas interações sociais.

Almeida (2022) ressalta que em 1994 a APA lançou o DSM-IV, enquanto o DSM IV-TR foi lançado em 2000, compreendendo que ambos trouxeram um maior refinamento quanto aos critérios para diagnosticar. Foram nestes DSMs que o número de desordens de desenvolvimento aumentou para 5, incluindo a Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett e Transtorno Desintegrativo da Infância.

Em suma, Rabelo e Miranda (2021), enfatizam que o TEA, em concordância com o DSM-V, é um transtorno neurológico do desenvolvimento, compreendendo que todas as possíveis causas para o referido transtorno, encontram-se desconhecidas. Acreditando que exista ainda, alguma predisposição genética ou a ocorrência de algumas causas ambientais, dentre elas: poluição ou infecções durante a gravidez.

Alves e Alves (2022) afirmam que o autismo pode ser uma condição de saúde caracterizada por vários déficits na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal), assim como comportamento (interesse restrito e movimentos repetitivos), ou seja,

não sendo apenas um, mas sim, diversos subtipos do referido transtorno. Sendo o mesmo tão abrangente que se utiliza o termo: “espectro”, devido aos mais variados níveis de comprometimento que ele traz.

Para Fadda e Cury (2019) os critérios diagnósticos essenciais apresentados no DSM-V sustentam-se em dois pilares: Critério A: déficits persistentes na comunicação social e na interação social em diversos contextos; Critério B: padrões restritos e, também, repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

A esse panorama, Alves e Alves (2022) relacionam diversos sinais de autismo, dentre eles, não manter contato visual por mais de 2 (dois) segundos; Não atender quando chamado pelo nome; preferir se isolar ou então não ter interesse por outras crianças; Manter os objetos alinhados; Manter-se preso a rotinas; Não gostar de brincar com brinquedos da forma convencional; Realizar movimentos de forma repetidas, sem uma função aparente; Não falar ou então não fazer gestos para demonstrar algo; Manter uma repetição de frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia); Não compartilhar seus interesses e atenção, apontando para algo ou não olhar quando apontamos algo; Girar objetos sem uma função aparente; Interesse restrito ou hiperfoco; Não imitar; e Não brincar de faz-de-conta.

Segundo Novaes (2022), a epidemiologia do transtorno estima um aumento agravante de 1-2% na prevalência do TEA ao se comparar com os anos anteriores, visto que ainda existam raros estudos epidemiológicos no Brasil. Porém, segundo uma recente investigação, a taxa de incidência de TEA é de 27,2 casos em cada 10 mil pessoas. Sendo assim, a detecção dos casos ocorre principalmente após o segundo ano de vida do bebê, e dependendo do nível de severidade do transtorno, o mesmo pode ser identificado de forma mais precoce.

De acordo com Steffen *et al.* (2019), no Brasil uma em cada 160 crianças possuem TEA, desse modo, considera-se que aproximadamente 2 milhões de pessoas se encontram dentro do espectro autista. De forma que nas últimas décadas, a ocorrência de novos casos de autismo tem crescido em muitos países. E este incremento pode estar relacionado a um maior conhecimento sobre o transtorno, conseqüentemente, a uma percepção cada vez mais precoce e clara sobre os critérios de diagnóstico.

Sintetizando, de acordo com Novaes (2022) a frequência do TEA na população pode ter uma variação entre meninos e meninas, contudo, um estudo desenvolvido por Baio e colaboradores (2018), identificou que indivíduos do sexo masculino possui quatro vezes mais chances de desenvolver o TEA. Todavia, apesar de a porcentagem de pessoas autistas do sexo feminino ser menor do que a masculina, os efeitos do transtorno em meninas, em determinadas situações, são muito mais severos do que em meninos, sugerindo uma espécie

de efeito compensatório entre ambos.

De acordo com o DSM-5-TR (2023) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é categorizado em três níveis de suporte. No Nível 1, os indivíduos exigem menos assistência, embora apresentem déficits notáveis na comunicação e dificuldades iniciais em interações sociais. No Nível 2, o suporte é substancial, devido à acentuados déficits na comunicação social, iniciação limitada de interações sociais, e comportamentos restritos/repetitivos evidentes. Já o Nível 3 demanda suporte muito substancial, com déficits severos na comunicação social, iniciativa muito limitada em interações sociais e marcante inflexibilidade comportamental, afetando profundamente o funcionamento em todas as esferas, acompanhados de grande angústia na mudança de foco ou ação.

A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE

Mercado (2022) enfatiza a importância de um diagnóstico precoce, identificando os possíveis problemas no desenvolvimento social da criança, sendo um dos indicadores de maior atenção para um futuro diagnóstico de autismo. Além disso, deve-se prestar atenção ao atraso da fala, identificado pelos especialistas entre 1 ano e meio e 3 anos.

De acordo com Doubrawa e Menezes (2023), o diagnóstico precoce é extremamente benéfico, visto que aumentam os resultados das terapias e dos tratamentos realizados pela equipe multidisciplinar, como expandir a conscientização dos pais e cuidadores, favorecendo assim, a comunicação e também a habilidade social do indivíduo. De forma geral, o diagnóstico se baseia principalmente em aspectos negativos do transtorno, deixando de lado os positivos.

Não obstante, Steffen *et al.* (2019) apontam que as intervenções fornecidas antes dos 36 meses de vida levam a melhores resultados positivos no desenvolvimento, pela maior plasticidade cerebral nesse período e maior potencial para alterar o curso do desenvolvimento.

Doubrawa e Menezes (2023) ainda relatam que existem diversas consequências de um diagnóstico tardio do TEA, podendo agravar ainda mais os sinais clínicos, pois alguns pacientes podem não sentir sensibilidade à dor devido à condição, e, conseqüentemente, não sentir medo do perigo, fazendo com que ocorra acidentes. Outros, porém, possuem a hipersensibilidade sensorial, que se não tratada, pode ocasionar crises.

Nesse mesmo sentido, de acordo com Mercado (2022), torna-se evidente a importância da intervenção precoce nesse primeiro estágio da vida, devido ao estímulo potencial neuronal da criança, responsáveis por atuarem em atividades como a linguagem, motoras e sociais,

possibilitando a evolução do potencial neuronal, ou seja, o quanto antes diagnosticar e começar o tratamento, mais cedo haverá possibilidade de ganhos em qualidade de vida.

Além disso, Silva *et al.* (2022), destacam que é importante que os pais tenham o diagnóstico de forma precoce, buscando informações junto a profissionais nesta área, proporcionando um encaminhamento educacional mais apropriado, de forma a obter avanços de acordo com a capacidade individual frente aos estímulos que serão oferecidos em seu ambiente.

Steffen *et al.* (2019) pontuam ainda que existem quatro alvos básicos para qualquer tratamento: “1) estimular o desenvolvimento social e comunicativo; 2) aprimorar o aprendizado e a capacidade de solucionar problemas; 3) diminuir comportamentos que interferem com o aprendizado e com o acesso às oportunidades de experiência do cotidiano; e 4) ajudar as famílias a lidarem com o autismo”.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO (ABA) APLICADA AO AUTISMO

Segundo Sousa *et al.* (2020), a Análise Aplicada do Comportamento, mais conhecida no Brasil pela sigla em inglês ABA (Applied Behavioral Analysis), está entre os principais métodos de intervenção comportamental utilizados no tratamento do autismo, possuindo um grande suporte científico e sendo o método de intervenção mais pesquisado e amplamente adotado, promovendo qualidade de vida de pessoas com TEA.

O método pode ser utilizado por diversos profissionais da área da saúde, desde que tenham a credencial de certificação, a Behavior Analyst Certification Board-BACB (Nascimento & Souza, 2018). O bom desenvolvimento da intervenção depende de diversas características principais, sendo elas: início da intervenção (a partir de 2 anos de idade), duração da intervenção (cerca de 2 anos), intensidade da intervenção (entre 25 a 40 horas por semana) e abrangência da intervenção (múltiplos ambientes e múltiplos objetivos de ensino) (Barboza, Costa, & Barros, 2019) *apud* (Sousa *et al.*, 2020).

Segundo Martins e Camargo (2023) a ABA tem sua origem na ciência da Análise do Comportamento, derivada dos estudos e princípios comportamentais de Skinner (1953) sobre o condicionamento operante, em que as consequências de um comportamento determinarão o aumento ou a diminuição da mesma conduta.

Sousa *et al.* (2020) entendem que as características gerais de uma intervenção baseada na ABA, envolvem identificação de comportamentos e habilidades que precisam ser melhoradas, seleção e descrição dos objetivos, e no delineamento de uma intervenção,

buscando desenvolver estratégias que são comprovadamente efetivas para modificação do comportamento. De forma que ao final, a intenção é que as condutas aprendidas e modificadas sejam generalizadas para múltiplas áreas da vida do indivíduo.

Além disso, a fase em que o cérebro se desenvolve de forma mais rápida, vai desde a concepção até os três anos de idade, assim, qualquer programa de estimulação do desenvolvimento da criança deve ser realizado nesta fase. Caso haja alguma demora no diagnóstico e início das terapêuticas necessárias para o tratamento, os sintomas passam a ficar mais consolidados, prejudicando o desenvolvimento cognitivo e, também, psicossocial. Tornando-se evidente, a importância de intervenções precoces para potencializar o crescimento normal infantil (STEFFEN *et al.*, 2019).

De acordo com Carvalho-Filha *et al.* (2019), em relação ao TEA, de uma forma geral, o tratamento para essas pessoas é intenso e abrangente, havendo necessidade da participação da família e cuidadores da criança, assim como uma equipe multiprofissional. Fazendo com que a partir de uma avaliação realizada por uma equipe, elabore-se um plano terapêutico, respeitando a necessidade e a individualidade do paciente.

Sousa *et al.* (2020) ainda afirmam que a ABA apresenta importantes ferramentas para o desenvolvimento de habilidades necessárias para a criança/pessoa no Espectro do Autismo, alcançando metas, como: independência, socialização e sucesso nas atividades acadêmicas, quando for o caso. De forma que a aplicação da ABA trouxe oportunidade de aprenderem novas habilidades, bem como ampliam aquelas conquistadas, sobretudo nas áreas de linguagem e aprendizagem.

Gomes *et al.* (2019) apresentam um estudo realizado por Lovaas em 1980, sobre a Intervenção Comportamental Intensiva (ICI) aplicada ao tratamento do autismo, descrevendo um trabalho desenvolvido no projeto intitulado Early Intervention Project (EIP). Nesse estudo, três grupos de crianças com autismo, que tinham idades abaixo de 4 anos no início do estudo. Desse modo, o grupo experimental era composto por 19 crianças, expostas à ICI, com um educador para cada criança, por um período de 40 horas semanais ou mais, por dois ou mais anos consecutivos. O tratamento realizado baseava-se no ensino simultâneo de habilidades em diversas áreas, (dentre elas: na comunicação, interação social, imitação, autocuidados) visando melhorar o desenvolvimento das crianças.

Diante do exposto, os resultados do referido estudo, trazido por Gomes *et al.* (2019), indicaram que 47% das crianças expostas à ICI tiveram redução significativa dos sintomas de autismo, apresentando desenvolvimento próximo ao esperado para a idade cronológica (próximo ao de uma criança típica, sem autismo); 42% tiveram uma redução acentuada dos

sintomas e 11% continuaram com sintomas graves de autismo. Ou seja, aproximadamente 90% das crianças do grupo experimental apresentaram melhora no desenvolvimento e metade das crianças apresentaram desenvolvimento próximo ao típico. Já as crianças do grupo controle que receberam intervenção comportamental mínima obtiveram resultados muito diferentes: 2% apresentaram desenvolvimento próximo ao típico, 45% tiveram uma redução dos sintomas e 53% continuaram com sintomas graves de autismo.

Petersen e Wainer (2011) *apud* Medeiros (2021) ressaltam que embora os estudos de Lovaas sejam os mais citados, há outras evidências sobre a ABA que é relevante em termos de sua eficácia, como a revisão de Harris realizada em 1994 em vários estudos de pesquisa, mostrando que mais de 50% das crianças autistas que participaram de programas pré-escolares usando ABA foram integradas com sucesso em salas de aula de crianças sem deficiência, com poucos requisitos para tratamento adicional.

Em um outro estudo de caso interdisciplinar delineado nos princípios analítico-comportamentais, a partir de uma intervenção realizada por Benitez *et al.* (2020), realizada por uma equipe interdisciplinar, a análise do caso investigada no presente trabalho foi referente a um menino de 3 anos de idade com diagnóstico de TEA que apresentava comportamentos verbais de mando, tato e ecóico correspondentes à faixa etária entre 0 e 18 meses de idade. Dados esses que foram essenciais para a definição dos programas de ensino de habilidades de prontidão, como seguir instruções recomendadas, ensinar a manutenção do contato visual quando for chamado pelo nome, imitar as expressões faciais e com uso de blocos com formas e cores diferentes. Apresentando comportamentos compatíveis com a faixa-etária de 1 a 2 anos, enquanto nas áreas de socialização, de desenvolvimento motor e de autocuidados, a criança apresentou comportamentos, enquanto nas áreas de cognição e de linguagem, com a faixa etária de 0 a 1 ano.

A pesquisa de Duarte *et al.* (2016) examinou um caso de um bebê de 09 meses que foi encaminhado para uma intervenção comportamental de 10 meses. A terapia baseada em ABA começou a ser ministrada uma vez por semana no consultório, por uma hora, e duas vezes por semana em casa, por duas horas cada. Ao longo dos meses de intervenção, a criança demonstrou avanços significativos em várias áreas de desenvolvimento. Esses avanços incluíram: imitação motora e verbal, o contato visual, a habilidade motora, a comunicação não-verbal, o vocabulário receptivo (que inclui vocabulário individual e compreensão e resposta a comandos) e atenção compartilhada. Após dez meses de intervenção, a criança demonstrou mudanças significativas em um curto período de tempo. Tornando-se mais responsiva, atenta aos estímulos e com compreensão preservada. A intervenção eliminou ou

diminuiu alguns possíveis atrasos ou deficiências em comparação com outras crianças da mesma idade.

Morais (2022) apresenta estudo realizado em Belo Horizonte/MG durante intervenção no caso de uma criança de 6 anos com diagnóstico de TEA aos 2 anos e 11 meses. Primeiramente, foi realizada uma pré-entrevista com a mãe e, em seguida, a criança foi avaliada por meio do protocolo Verbal 10 Behavior Milestones Assessment and Placement Program (VB-MAPP), que é uma escala de avaliação desenvolvida com base nos princípios da Análise do comportamento para rastrear marcos de desenvolvimento compatíveis com o comportamento verbal e todas as habilidades relacionadas.

Aos 5 anos, a criança iniciou as sessões semanais de terapia com duração de 20 (vinte) horas, das quais 12 (doze) horas serão realizadas em casa e 8 (oito) horas em clínica particular com psicólogo, além de outras 2 (duas) sessões semanais de 50 (cinquenta) minutos de tratamento fonoaudiológico e 2 (duas) sessões semanais de 50 minutos de tratamento terapêutico ocupacional e de integração sensorial.

Morais (2022) constatou que após um ano de intervenção, a criança continuou a fazer avanços consistentes ao longo do tratamento, melhorando comando, tato, escuta, VP / MTS (aptidões Visuais-Perceptuais e Viso-Perceptuais e visuais (VP/MTS), estimulação). correspondência), intraverbal, LRFFC - Respostas por função, característica e classe, brincadeira, aptidões sociais, imitação, estruturas de linguagem, matemática, leitura, escrita. Observa-se também redução da vocalização, da rigidez e dos comportamentos controladores, bem como aumento das habilidades sociais, do repertório lúdico e da compreensão das situações do cotidiano.

DISCUSSÃO

Diante do exposto, compreende-se que o diagnóstico precoce é fundamental para o prognóstico do TEA, conforme o estudo realizado por Lovaas em 1980 e trazido por Gomes *et al.* (2019), 47% das crianças que foram expostas à ICI obtiveram uma redução de forma significativa dos sintomas de autismo. Passando a apresentar um desenvolvimento próximo ao esperado para a idade cronológica (próximo ao de uma criança típica, sem autismo).

Petersen e Wainer (2011) *apud* Medeiros (2021) ainda ressaltam que mesmo os estudos de Lovaas sejam os mais citados, a revisão feita por Harris, realizada em 1994, em vários estudos de pesquisas mostraram que mais de 50% das crianças com TEA, em

acompanhamento com a ABA foram integradas em salas de aula de crianças sem deficiência, precisando de pouco tratamento adicional.

Assim como também, realizou-se um estudo de caso interdisciplinar por Benitez *et al.* (2020), delineado nos princípios analítico-comportamentais, onde a partir de uma intervenção aplicada com crianças entre 0-18 meses, apresentaram grande melhora nas áreas de socialização, de desenvolvimento motor e de autocuidados. Assim como comportamentos compatíveis com a faixa etária de 1 a 2 anos, nas áreas de socialização, de desenvolvimento motor e de autocuidado. E nas áreas de cognição e de linguagem, com a faixa etária de 0 a 1 ano.

Duarte *et al.* (2016), relata um caso de um bebê que havia sido encaminhado para avaliação aos 9 meses de idade e permanecendo por 10 meses em intervenção comportamental. Os autores ainda afirmam que após 10 meses de intervenção, a criança estava respondendo para grande parte dos programas e avançando continuamente. Possíveis atrasos ou déficits em comparação com outras crianças da mesma idade foram eliminados ou diminuíram significativamente.

Além disso, Morais (2022) apresentou um estudo realizado em Belo Horizonte, de uma criança que recebeu o diagnóstico de TEA realizado por neurologista infantil aos 2 anos e 11 meses. E após 1 ano de o protocolo de avaliação VB-MAPP utilizado neste caso conseguiu identificar os atrasos no desenvolvimento da criança para a elaboração de um plano de ensino com base na perspectiva de Skinner do Comportamento Verbal dentro da Análise do Comportamento Aplicada.

Morais (2022), ainda reafirmando a eficácia da ABA, ressalta que toda intervenção psicológica apresentada no estudo de caso resultou em grande evolução em todos os operantes verbais descritos anteriormente, havendo um grande avanço significativo de linguagem, servindo de base para o desenvolvimento de áreas trabalhadas com a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, se destaca a significativa importância do diagnóstico precoce no Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo fundamental para garantir que crianças que possuem o TEA, recebam intervenções adequadas o mais cedo possível. Com o diagnóstico precoce, é possível iniciar o tratamento antes que os desafios comportamentais e sociais se agravem, oferecendo uma janela crucial de oportunidades para melhorar o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças e suas famílias.

Evidenciou-se também a eficácia da Análise Aplicada do Comportamento (ABA) como uma ferramenta promissora na intervenção para crianças com autismo. Através de uma abordagem investigativa, é crucial identificar crianças com possíveis atrasos no neurodesenvolvimento, reconhecendo a diversidade de manifestações do TEA, que vão desde formas leves até casos mais complexos com desafios substanciais em aprendizado e interação social. Esta abordagem também desempenha um papel essencial na promoção de comportamentos afetivos e na capacitação de formas mais eficazes de interação, e consequentemente maior qualidade de vida às crianças diagnosticadas.

Este estudo contribui para a ampliação da discussão sobre o potencial da ABA no tratamento do TEA, tomando em consideração as perspectivas de familiares e profissionais de saúde envolvidos no processo. É fundamental adotar abordagens abrangentes e personalizadas para otimizar a qualidade de vida das crianças com TEA e promover um futuro mais inclusivo e promissor para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariane Oliveira: **Particularidades, indivíduo e transtorno de espectro autista: um estudo de caso com base na terapia cognitiva comportamental**. Centro universitário UNIAGES, Paripiranga, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/31758> Acesso em: 31 de julho de 2023.

ALVES, A.; ALVES, T. O AUTISMO E O PSICÓLOGO NA PSICOLOGIA CLÍNICA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 201–218, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4162>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ASSUNÇÃO, Luana Leite de, COELHO, Rosa Maria de. **Aspectos teóricos e práticos do processo de alfabetização de crianças acometidas pelo TEA**. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2022. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/4305>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

BENITEZ, P.; ALBUQUERQUE, I.; MANONI, N. V.; SANCHES, A. F. R.; BONDIOLI, R. Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento: Estudo de Caso Interdisciplinar em ABA. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, Brasil, v. 22, n. 1, p. 332–367, 2020. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/11721>. Acesso em 06 de outubro de 2023.

BRITO, H. K. M.; MENDES, N. B.; LIMA, G. T.; PIRES, A. J. S.; CRUZ, W. V.; VARGAS,

G. L. M.; COSTA, N. S.; RABELO, N. N. O impacto da terapia cognitivo-comportamental no transtorno do espectro autista / The impact of cognitive-behavioral therapy on autistic spectrum disorder. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 7902–7910, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/27974>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

FILHA, Francidalma Soares Sousa Carvalho *et al.* **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista: aspectos terapêuticos e instrumentos utilizados-uma revisão integrativa**. Revista de Divulgação Científica Sena Aires, v. 8, n. 4, p. 525-536, 2019. REVISA. 2019; 8(4): 525-36. Disponível em: <https://doi.org/10.36239/revisa.v8.n4.p525a536>. Acesso em: 08 de setembro de 2023.

CONSTANTINIDIS, T. C.; SOUZA PINTO, A. . Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Revista Psicologia e Saúde**, [S. l.], 2019. DOI: 10.20435/pssa.v0i0.799. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/799>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

DOUBRAWA, D.; DE MENEZES, K. A. S. Importância do diagnóstico precoce do autismo: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 9, n. 6, p. 19884–19892, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/60660>. Acesso em: 07 de outubro de 2023.

DUARTE, Cíntia Perez *et al.* **Diagnóstico e Intervenção Precoce no Transtorno do Espectro do Autismo**. Autismo-Vivências e Caminhos. Autismo: Vivências e caminhos. São Paulo: Blucher, p. 45-56, 2016. Acesso em: completo.pdf (blucher.com.br). Disponível em: 09 de outubro de 2023.

FADDA, G. M.; CURY, V. E.. A Experiência de Mães e Pais no Relacionamento com o Filho Diagnosticado com Autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, n. spe, p. e35nspe2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

GOMES, C. G. S. *et al.* Efeitos de Intervenção Comportamental Intensiva Realizada por Meio da Capacitação de Cuidadores de Crianças com Autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. e3523, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3523>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

LANA, I. F. S. *et al.* **Habilidades sociais no transtorno do espectro autista**. Centro Universitário Una, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/30908>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.

MAIA, C. S. *et al.* Transtorno do espectro autista e a suplementação por ácido fólico antes e durante a gestação. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 4, p. 231–243, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000251>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

MARTINS, J. DOS S.; CAMARGO, S. P. H.. A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 104, p. e5014, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.104.5014>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.

MEDEIROS, Dailma da Silva. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. **Estudos IAT**, v. 6, n. 1, p. 63-83, 2021. Disponível em:

<http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/view/268>. Acesso em: 09 de outubro de 2023.

MORAIS, Laís Lopes. **A relevância da intervenção interdisciplinar intensiva no desenvolvimento das crianças com autismo: um estudo de caso**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/53312> Acesso em: 10 de outubro de 2022.

MERCADO, W. I. . . ASD - Early diagnosis with reflections on the quality of life of the child and family. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 15, p. e544111537482, 2022.

NOVAES, Antonio Fontes Pinto. **A importância do profissional psicólogo na terapia do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na infância**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27588>. Acesso em: 24 de agosto de 2023.

PONTEL, Bárbara Fernandes; MAIA, Bruna de Paula Santos: **A clínica cognitivo e comportamental com crianças com transtorno do espectro autista**. Centro universitário UNA psicologia – GRADUAÇÃO, Contagem-MG, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/30931>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

RABELO, Yasmin Castro; MIRANDA, Bruner de Moraes: **Transtorno do Espectro Autista e o tratamento pela terapia cognitiva comportamental: uma revisão bibliográfica**. UNIFUCAMP. Centro Universitário Mário Palmério, Monte Carmelo-MG, 2021. Disponível em: <http://repositorio.fucamp.com.br/jspui/handle/FUCAMP/536>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

SILVA, Emanuelle da; ORLANDELI, Fernanda; MOTTA, Gustavo; HUBNER, Ian Carlos. **O PAPEL DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE TEA EM CRIANÇAS PARA O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR**. UniSociesc Joinville Campus Anita Garibaldi, Joinville, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/29283>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

SOUSA, Deborah Luiza Dias de et al . Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista Applied behavior analysis: parent and professional perception about treatment in children with autism spectrum. **Contextos Clínic**, São Leopoldo , v. 13, n. 1, p. 105-124, abr. 2020 . Disponível

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

STEFFEN, . F. . ; DE PAULA, . F. . ; MARTINS, . M. F. . ; LÓPEZ, . L. . DIAGNÓSTICO

PRECOCE DE AUTISMO: UMA REVISÃO LITERÁRIA. **REVISTA SAÚDE MULTIDISCIPLINAR**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.